

5

Considerações Finais

O estudo qualitativo etnográfico sobre a família brasileira nos permitiu obter dados reveladores sobre a identidade lingüístico-cultural da sociedade brasileira, em particular a identidade dos moradores do Rio de Janeiro, assim como suas percepções sobre o *eu* e o *outro* (Barbosa, 1992:127), em se tratando da formação da família. Esta pesquisa se revelou de cunho abrangente em diferentes aspectos, o que nos permitiu observar a maneira como os brasileiros compreendem suas famílias, sobre como são tecidos os relacionamentos e graus de parentesco, assim como são valorizadas (e desvalorizadas) as pessoas de acordo com as suas relações consangüíneas e de afeto.

Ao investigarmos sobre a percepção de grau de parentesco na sociedade brasileira, os dados foram reveladores, pois os brasileiros tendem a não perceber graus de parentesco de acordo com o grau de proximidade em relação à árvore genealógica e sim quanto ao grau de proximidade social (Wierzbicka, 1991: 108) gerados por afinidade e convivência entre os membros.

Compreendemos que, ao estudarmos as percepções dos informantes sobre a família brasileira, não só pudemos confirmar as hipóteses 1, 2, 3 e 5 como também pudemos observar que os brasileiros tendem a trazer para o ambiente da *casa* o espaço limítrofe (Porto, 2006) ao transferir para a *rua* as relações de intimidade, inserindo assim amigos muito íntimos e até mesmo animais na família brasileira, apesar de este fato não ocorrer de forma sistemática.

Comparando as questões relacionadas à visão auto-perceptiva e heteroperceptiva, podemos, mais uma vez, confirmar a hipótese 3, sobre a percepção do brasileiro sobre si mesmo ser diferente da heteropercepção com relação à família brasileira assim como Torre dos Santos (2007), pois percebemos que os informantes oferecem respostas diferentes sobre a imagem que eles têm sobre suas famílias e como eles vêem outras famílias brasileiras, ou seja, como eles se vêem e como percebem os outros, mesmo que todos sejam pertencentes à sociedade brasileira.

Ainda sobre as percepções dos informantes, com relação à análise sobre a inserção de pessoas na família apenas por coabitarem, sem existir entre eles relações consanguíneas e a análise sobre os membros família que não são considerados parentes, comprovamos a hipótese 2, que indica que por uma questão de afinidade, o brasileiro tende ainda a considerar pessoas externas às relações consanguíneas como membros de suas famílias e por outro lado, tendem a desconsiderar como membros de suas famílias os parentes com os quais os elos de afetividade são negativos.

Ademais, observamos que a inclusão de membros da família brasileira não ocorre somente devido à coabitação e sim a partir de como é tecida a relação entre os moradores dessa residência, ou seja, se eles mantêm relações pertencentes ao ambiente da *casa* ou da *rua* e se há de fato intimidade e proximidade entre os moradores deste recinto.

Ao trabalharmos com a questão sobre quem é o membro mais importante da família do informante, a mãe assumiu o papel de grande destaque e as respostas estão relacionadas ao afeto e à educação transmitidos aos seus filhos. Ainda sobre a importância dos parentes na família brasileira, obtivemos dados marcantes com relação a nossa hipótese 4 sobre a importância da avó na sociedade brasileira, pois vemos que há grandes indícios de que os avós assumem importante papel na família brasileira, ao educar seus netos apesar de os informantes se apresentarem divididos quase pela metade no percentual de respostas obtidas.

Com relação ao tratamento formal ocasionado pelo emprego de *senhor* e *senhora* entre os membros da família brasileira, compreendemos que este uso demonstra uma convenção de família e acreditamos que há uma tendência para uma diminuição e possível dissipação deste pronome de tratamento entre membros da família e a substituição pelo pronome de tratamento *você*.

Sobre nossos estudos relacionados ao léxico da família entre pessoas que não possuem relações consanguíneas, pudemos confirmar nossa hipótese 6, sobre o emprego do léxico da casa no ambiente da rua, o que nos levou a concluir que pode se tratar de uma demonstração de intimidade entre os falantes (Wierzbicka, 1991: 105) e, em alguns casos, de proximidade (Wierzbicka, 1991: 108), que pode decorrer numa inserção destas pessoas nas famílias dos informantes. A mesma inserção demonstrada pelo emprego do léxico da família com pessoas da *rua*

tende a ocorrer com os informantes que consideram como seus primos os primos de seus primos, o que reforça nossa hipótese 2.

Ao pesquisarmos sobre a expressão *meio irmão* descobrimos ser uma variedade do emprego do léxico pertencente à família e pudemos detectar que o emprego desta expressão assume grande variedade de significados, como evidenciar um grau de distanciamento (Wierzbicka, 1991: 108) entre irmãos que possuem os mesmos genitores, mostrar que irmãos possuem apenas um genitor em comum e também demonstrar maior grau de proximidade (Wierzbicka, 1991: 108) entre primos.

Ainda detectamos que *meio irmão* pode evidenciar a inclusão de membros, como amigos muito próximos e parentes de consideração na família brasileira provenientes de graus de parentesco gerados por solidariedade orgânica (Lévi-Strauss, 1973: 554).

Assim como *meio irmão* assume diferentes significados para os participantes da pesquisa, a investigação sobre o emprego da expressão *parente distante* nos fez identificar diferentes usos entre os informantes, variando de acordo com o nível de distanciamento que o informante opta por evidenciar, que pode ser social, espacial e biológico e sempre com parentes com os quais mantém relações consangüíneas.

Em oposição ao uso da expressão *parente distante*, a análise dos dados relacionados à expressão *parente de consideração* nos fez descobrir que os informantes só a empregam com pessoas com as quais não possuem relações consangüíneas, o que pode demonstrar afinidade e intimidade (Wierzbicka, 1991: 105) e além disso, nem sempre o emprego da expressão condiz com a inserção de uma pessoa chamada de *parente de consideração* na família do informante.

Como pudemos ver, realizamos os objetivos aos quais nos propusemos e comprovamos nossas hipóteses, a fim de ampliar os conhecimentos sobre a família brasileira, através de uma pesquisa qualitativa e etnográfica que nos permitiu analisar os dados com base nos pressupostos teóricos pertinentes ao tema trabalhado na pesquisa. Deste modo, acreditamos que nosso trabalho interdisciplinar oferece bases para que professores de PL2E, possam ter uma visão sobre o emprego do léxico relacionado à família e de como os brasileiros percebem a *sua* família e a família *do outro*.